

A EDUCAÇÃO JESUÍTA HOJE

P. General Arturo Sosa S.J.

Discurso e perguntas do conversatório -Colégio San Calixto - La Paz, Bolivia

(18 de julho de 2018)

Estimados educadores, educadoras e demais amigos e amigas presentes.

Tenho diante dos olhos, não só vocês, mas os milhares de pessoas que compõem a tarefa educativa confiada à responsabilidade da Companhia de Jesus na Bolívia, em articulação e colaboração com instituições do Estado, congregações religiosas e tantas outras instituições que também se empenham em oferecer uma educação de qualidade a este povo boliviano na riqueza de sua diversidade. Como disse o Pe. Provincial, Osvaldo Chirveches, na sua saudação inicial, a educação é uma das dimensões do apostolado da Companhia em todo o mundo que tem um significado especial.

Tenho especialmente diante dos olhos as crianças, adolescentes e jovens que frequentam as aulas, os cursos de formação, programas educativos, mas também suas famílias, seus pais e suas mães que confiam a nós a educação acadêmica de seus filhos e filhas e que, juntos, tratamos de dar a todos uma formação humana integral.

Vejo as professoras e os professores que têm assumido com generosidade o trabalho educativo como verdadeiro apostolado, como sua principal contribuição para a construção de uma sociedade mais humana e de acordo com o projeto de Deus. Vejo as equipes de direção que assumem os desafios, nada fáceis, de orientar, coordenar, animar as comunidades educativas no seu trabalho diário, contando com o apoio das equipes técnicas e de suporte em tantas áreas, trabalho conjunto sem o qual nossas instituições não podem alcançar sua meta e seus ideais.

É uma multidão de pessoas, são rostos de vida mirando o futuro com esperança, como corresponde à nossa fé, porque o trabalho educativo é fundamentalmente uma aposta esperançosa no futuro. Semeia-se com muita generosidade e com gratuidade porque na educação o que se oferece é o que cada um é, como o semeador da parábola do Evangelho, mas os frutos mais saborosos e maduros serão colhidos num futuro que, provavelmente, não caiba ao semeador conhecer. Um futuro que nós e tampouco nossos estudantes hoje em dia podemos imaginar. Da mesma forma que nós, quando estudantes, não podíamos imaginar o mundo no qual vivemos hoje. Recordamos a sabedoria do povo que Jesus assume como sua quando diz: *Um é o que semeia e outro o que colhe* (Jo 4,37). Somos semeadores. Não nos cansemos nunca de semear!

Educadores, mensageiros da Esperança

Gostaria de partilhar com vocês uma reflexão sobre esse futuro esperançoso, como a esperança e a transformação social estão vinculadas à educação que queremos oferecer. A 36ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, reunida em outubro e novembro de 2016, confirmou-

*nos, fazendo um apelo a toda a Companhia a renovar nossa vida apostólica tomando como base a esperança. Precisamos, mais do que nunca, ser portadores de uma mensagem de esperança, nascida da consolação oriunda de nosso encontro com o Senhor Ressuscitado. Esta renovação centrada na esperança diz respeito a todos os nossos diversos apostolados*¹.

Por isso, parece-me importante sublinhar neste dia que o apostolado educativo é fundamentalmente movido pela energia daqueles que têm uma mirada que alcança o futuro, fazendo real em sua vida a virtude da esperança. Poderíamos dizer que um educador de uma instituição da Companhia de Jesus é um mensageiro da esperança. Os que vivemos na e da esperança não somos ingênuos nem alheios à realidade ou aos desafios que nos apresenta esta realidade em que vivemos. Há questões fundamentais que nos fazem refletir muito. Por exemplo, a erupção das novas tecnologias, que além de ser instrumentos cada vez mais importantes no dia a dia das sociedades, vão também criando um novo tipo de ser humano que capta a realidade a partir de novas perspectivas. O que estamos vivendo não é apenas uma revolução tecnológica, é uma mudança não só de época histórica, é uma mudança de antropologia, é uma mudança no modo como os seres humanos vivemos, é uma mudança do 'habitat' em que vivemos. Hoje vivemos num mundo que alguns chamam de 'ecossistema digital'.

Essa nova realidade que atinge todos os lugares, cada vez com mais intensidade, na qual se vão formando as novas gerações – que chamamos 'nativos digitais' - são os que chegam às nossas instituições educativas. Eles nos pedem uma reflexão séria, profunda, fundamentada, mas acima de tudo esperançosa. Uma reflexão que possa situar-nos melhor na nossa condição pedagógica, aproveitando o melhor do que costumamos chamar 'Pedagogia Inaciana' em diálogo com as novas correntes pedagógicas que também tentam dar respostas aos novos tempos com novos métodos.

Não se chega facilmente a essas respostas, primeiro porque as mudanças são relativamente recentes e se processam num ritmo muito acelerado, o que dificulta que vão acompanhadas de uma reflexão ampla e profunda, a qual sempre pede tempos mais longos. Uma primeira tensão que encontramos é esta, a semente precisa cair na terra e precisa de tempo para amadurecer, no entanto, vivemos em tempos tão acelerados que tornam difíceis esses ritmos.

Em segundo lugar, porque muitas vezes custa-nos sair da nossa zona de conforto. Agimos cada qual a seu modo que nos custa deixar o terreno que conhecemos, no qual estamos seguros e nos sentimos bem. Custa muito arriscar-nos no novo, no desconhecido, no que talvez sintamos como ameaça.

Terceiro, porque sabemos que temos uma riqueza em nossa tradição educativa e não queremos perdê-la. As muitas experiências e o rico conhecimento da humanidade que vem sendo elaborado ao longo de tantos séculos em nossa tradição pedagógica é um tesouro, e é um tesouro que queremos manter – é verdade – e queremos fazê-lo. Mas queremos fazê-lo não como alguém que mantém uma peça exposta num museu. A pedagogia inaciana não é uma peça de museu, não quer sê-lo, mas é um risco que se torne uma peça de museu, como algo

¹ 36ª Congregação Geral, Decreto 1, n. 32.

interessante, até certo ponto, para lembrar, mas que não toca o concreto da minha vida na aula ou o contato com cada um dos estudantes. Se essa tradição pedagógica não estiver viva, ela se torna tradicionalismo, conservadorismo, fossilização. Somos convidados a ser fiéis, mas criativos. A verdadeira fidelidade se mostra na criatividade, em colocar essa tradição pedagógica a serviço dos novos tempos, útil para os nativos digitais.

Temos, sem dúvida, um compromisso com uma identidade, com uma visão que nasce e se nutre da tradição pedagógica inaciana. Aí tem suas raízes o nosso trabalho, esse é o terreno que lhe dá firmeza, estabilidade, alimento, mas também lhe oferece ferramentas, não só para uma sadia e frutífera autocrítica, capaz de mantê-la viva, mas também para uma leitura crítica, reflexiva, intelectual da realidade que o interpela. A pedagogia inaciana obriga-nos a pensar, pensar para compreender e criar novos caminhos. Por isso, o compromisso da educação inaciana, o compromisso das instituições educativas da Companhia de Jesus, é um compromisso com a profundidade. Neste sentido, gostaria de chamar a atenção para um aspecto da missão que nos toca e que, às vezes, não é bem compreendido. Trata-se do que chamamos de Apostolado Intelectual.

Muitas vezes esse tipo de apostolado é entendido como tarefa exclusiva dos centros universitários ou de pesquisa. No entanto, proponho-lhes ampliar essa compreensão. Oxalá todo trabalho educativo, todo apostolado realizado pela Companhia de Jesus e pelas instituições sob sua responsabilidade sejam um apostolado verdadeiramente intelectual. Nesse sentido, exercer o apostolado como intelectual significa compreendê-lo como um apostolado exercido por pessoas que refletem seriamente sobre o que estão fazendo, que se aprofundam no conhecimento da sua realidade imediata, que se preocupam em compreendê-la, talvez com o auxílio dos resultados da pesquisa em diversas áreas, e que, finalmente, são capazes de produzir uma palavra com densidade, com significado, sobre essa realidade e que possa incidir de fato na transformação da própria realidade.

Refiro-me novamente à 36ª Congregação Geral e ao seu chamado à esperança, *Não queremos propor uma esperança simplista ou superficial. Pelo contrário, nossa contribuição, como insistiu sempre o Pe. Adolfo Nicolás, tem que se caracterizar pela profundidade: uma profundidade de interioridade e 'uma profundidade de reflexão que nos permita compreender a realidade mais a fundo e, portanto, servi-la mais eficazmente'*².

Quer dizer, sem uma atitude que seja intelectual, no sentido original da palavra, isto é, a capacidade de ler a realidade por dentro, *intus légere*, ir a fundo, sem esse olhar, nós nos detemos na superficialidade da existência e nos deixamos levar por esta ou aquela corrente como um pedaço de madeira numa tempestade no mar. A partir desse chamado para que o nosso apostolado seja um apostolado intelectual, entendido como uma vida vivida em profundidade, compreende-se a dimensão sociopolítica do trabalho desenvolvido pelas instituições educativas sob a responsabilidade da Companhia de Jesus. Este trabalho deve ser sempre entendido como um serviço à humanização da sociedade.

² 36ª Congregação Geral, Decreto 1, n.33.

Algo relativamente novo em nossas sociedades latino-americanas é a transformação de serviços educativos em produtos de mercado. Encontramos hoje muitas ofertas educativas que pouco se importam com a educação. Pelo contrário, importa-lhes muito ganhar dinheiro através de uma chamada 'oferta educativa'. No entanto, para nós a educação é entendida como um serviço à humanidade. Na oferta mercantilista, não interessa esse serviço à humanidade, mas sim ter um 'produto' que se propõe a potenciais clientes, mudando a relação pedagógica por uma relação produtor-cliente. Desta forma, as instituições educacionais deixam-se dominar por uma lógica de mercado, entram numa concorrência na qual a relação entre qualidade e preço muitas vezes vai em detrimento, evidentemente, da qualidade, porque sabemos muito bem que a qualidade educativa é custosa e não somente custosa em termos econômicos, é custosa na dedicação, é custosa no que há que colocar de humanidade, de entrega do educador.

Sabemos muito bem das dificuldades atuais para levar adiante nossa proposta em uma realidade dominada pelas leis do mercado. Isso nos afeta. Não podemos esconder essa realidade. Entretanto, como portadores de uma mensagem de esperança, queremos continuar mantendo uma proposta educativa em que o ser humano, cada pessoa - e não o mercado - seja o que realmente importa. Essa é uma chave irrenunciável da pedagogia inaciana. Talvez a maior novidade da pedagogia inaciana é o que na linguagem da Companhia chamamos 'o cuidado de cada pessoa', a 'cura personalis', porque cada pessoa tem sua peculiaridade e a educação acompanha o desenvolvimento de cada pessoa.

Queremos continuar oferecendo processos educativos que, a partir da pedagogia inaciana, permitam a formação de cidadãos e cidadãs com capacidade crítica, com uma mirada global, que sejam capazes, ao mesmo tempo, de viver desde de as suas mais profundas raízes culturais, que sejam capazes de viver a partir daí, da sua identidade original, mas abertos a receber e a contribuir para o diálogo intercultural, a enriquecer-se e enriquecer os outros com o que podem contribuir a partir do seu próprio ser cultural. Nesse sentido, todo o tremendo esforço que vocês vêm fazendo para manter viva e desenvolver ainda mais a riqueza das várias culturas, línguas e tradições na Bolívia é digno de reconhecimento e parabéns. Faz poucos dias, eu estava na escola de *Fé e Alegria* em San Ignacio de Mojos (Beni). Haveria cerca de cem pessoas na sala de aula onde estávamos e eu perguntei 'Quantas línguas vocês falam aqui'? Eles pensaram por um momento - acho que contaram no ar - e disseram '36'. Maravilhoso, e podíamos nos entender em castelhano. Bem, essa riqueza está aí, e essa riqueza nós a temos em nossas mãos, em nossas instituições. Como manter essa riqueza e ao mesmo tempo oferecer aos nossos estudantes a possibilidade de se comunicarem com o resto do mundo, de ter uma visão mais ampla, de se reconhecerem parte de um universo que é plural e que eles têm essa contribuição específica para dar?

Educação para transformar a realidade

Outro aspecto importante do trabalho educativo liderado pelas instituições sob a responsabilidade da Companhia de Jesus é a preocupação por incidir positivamente nos processos sociais, tanto os que correspondem à definição de políticas públicas para a educação, como também nas políticas sociais e econômicas. A educação não está isolada. A educação faz parte de um projeto social. Por isso, normalmente, qualquer regime político, o primeiro que tenta

controlar a seu favor, é a educação. É aí que nós temos de incidir. As instituições sob nossa responsabilidade têm consciência do seu papel cidadão na discussão dos temas que afetam a sociedade boliviana, e não queremos, de modo algum, estar ausentes dessas discussões, mas contribuir como cidadãos numa atitude de diálogo respeitoso e aberto. Nossa compreensão da realidade e nossas propostas para melhorá-la devem fazer parte desse diálogo da sociedade. Queremos ser, como diz o Evangelho, *sal da terra e a luz para o mundo* (Mt 5,13) e, assim, responder fielmente à nossa identidade, cujas raízes se encontram nessa Boa Nova vivida a partir da proposta de identificação com Jesus Cristo que nos oferece a espiritualidade inaciana. Porque a pedagogia inaciana é uma pedagogia que acompanha esse encontro com o Senhor. Para aí caminhamos e por isso a denominamos apostolado educativo, porque nós oferecemos a possibilidade de um caminho, um aproximar-se do libertador, do Senhor ressuscitado.

A tradição pedagógica inaciana tem sido capaz de assimilar experiências e sabedoria ao longo de quase 500 anos de existência, mas, além da extensão no tempo, essa mesma projeção é fruto da extensão no espaço. A experiência pedagógica inaciana tem sido provada e comprovada em praticamente todas as latitudes e longitudes do nosso mundo, em tantos lugares e entre tantos povos e culturas, que hoje seria impossível enumerar. De fato, nasceu na Europa, mas hoje encontramos essa experiência pedagógica inaciana em qualquer lugar do mundo onde haja alguém que se formou nela – jesuíta ou não jesuíta - e sabe o valor da proposta humanista da pedagogia inaciana. Daí podemos dizer, sem medo de nos equivocarmos, que a pedagogia inaciana nos abre sempre a uma perspectiva universal.

O respeito pela diversidade e o impulso à interculturalidade nascem dessa identificação com o mistério central da fé cristã que é a encarnação da palavra de Deus na realidade humana. *O verbo se fez carne*, diz o Evangelho, *e colocou sua tenda entre nós* (Jo 1,14), veio viver conosco. Quando os cristãos afirmamos este mistério estamos, ao mesmo tempo, confirmando que para Deus não há realidade humana que lhe seja estranha, e além disso, que Deus só pode ser conhecido através da realidade humana. Ninguém jamais viu Deus; é o rosto do Jesus humano que o mostra. O fato de o filho de Deus assumir nossa carne, isto é, a concretude de nossa condição humana, faz-nos reconhecer o valor que essa realidade tem ante seus olhos, a ponto de fazer-se um de nós e conosco. É a partir dessa afirmação positiva de todo o humano, que podemos - num segundo momento - ter uma atitude crítica com respeito à realidade, reconhecendo o que nela vai contra a humanidade, o que subtrai humanidade aos seres humanos e às relações sociais entre eles. A revelação da humanidade em Cristo nos permite também ver os traços inumanos que temos introduzido em nossa realidade.

O trabalho educativo a partir da pedagogia inaciana não poderia ter outra maneira de aproximação da realidade. Os *Exercícios Espirituais* são fundamentalmente uma longa contemplação do verbo de Deus encarnado, realizada de tal maneira que leva a quem faz os Exercícios a configurar-se com Jesus Cristo, seus valores, suas decisões, seu modo de proceder com o Pai, com os demais, e com toda a realidade. O Jesus que contemplamos é o Jesus Filho do Homem, humano, que acolhe a humanidade na sua fragilidade, mas que é também capaz de levantar-se contra tudo o que a ameaça o fere – o que na teologia chamamos ‘pecado’. O pecado é inumanidade, o desprezo do humano. Jesus não se encarnou numa humanidade abstrata. Jesus

se encarnou num pequeno povoado de uma nação dominada por um império, numa família pobre, sem qualquer distinção social, e esse é o caminho que nos propõe a pedagogia inaciana. Se queremos olhar o mundo como Jesus, esse é o nosso ponto de vista: a partir do pequeno, com o olhar dos pobres, que é a experiência – como foi dito tantas vezes na teologia latino-americana – a partir do reverso da história, dessa humanidade que sofre a inumanidade, a injustiça.

Nosso trabalho educacional sempre entendeu a tradição inaciana como um verdadeiro apostolado. Se quiser ser fiel à sua identidade cristã, ela deve permanecer aberta a todos aqueles que colaboram para que haja mais *vida e vida em abundância* (Jo 10,10), como diz o Evangelho, mas não pode deixar de *explicitar as razões de sua esperança* (1Pe 3,15), e estas razões nós as temos encontrado na mensagem do Senhor, no evangelho de Jesus Cristo.

O nosso modo de proceder

Voltando à perspectiva global do trabalho educativo sob a responsabilidade da Companhia de Jesus, queria recordar o que nos disse a 36ª Congregação Geral com respeito ao modo de proceder apropriado para o nosso tempo. Em seu Decreto 2, resume o nosso modo de proceder em três perspectivas: o discernimento em comum, a colaboração e o trabalho em rede. Gostaria de comentar brevemente sobre cada uma delas, porque me parece importante completar não apenas o conceito de educação que propomos, mas também como queremos levá-la adiante.

‘Discernimento’: imagino que não será uma palavra nova para os ouvidos que estão acostumados com o linguajar inaciano. Imagino que, pelo menos, a tenham escutado, pois está muito presente em tudo o que tem a ver com a espiritualidade inaciana, uma vez que é uma atitude que se espera estar presente em todos os que querem viver esta espiritualidade. Trata-se basicamente de uma busca constante dos sinais que o Espírito vai deixando na vida de cada um e na história. A novidade, se é que podemos chamá-la assim, que apresenta a 36ª Congregação Geral é a insistência em que a experiência de discernir não seja vivida só em âmbito pessoal, mas seja um processo compartilhado com outras pessoas. Nós o chamamos, portanto, de ‘discernimento em comum’.

No ano passado enviei uma carta a toda a Companhia de Jesus sobre este tema e espero que vocês também tenham tido ou tenham a oportunidade de lê-la e estudá-la. Mas gostaria de acrescentar que para o Papa Francisco, o discernimento não é apenas um tema da espiritualidade inaciana ou da educação inaciana, é um tema da Igreja. A Igreja, para ser fiel à sua missão, é uma Igreja que discerne, que encontra os sinais da presença de Deus através do discernimento.

A segunda perspectiva, proposta pela Congregação Geral, é a colaboração. Aqui na Bolívia, especialmente no que significa o trabalho da rede *Fé e Alegria*, a colaboração não é um desejo, mas uma realidade praticamente desde o início desse imenso trabalho e dessa imensa rede. Um número impressionante de congregações religiosas, paróquias e dioceses, comunidades indígenas e instituições do Estado em diversos níveis - municipal, provincial, nacional – participam para que seja possível essa rede educativa de *Fé e Alegria*. Eles trabalham em colaboração entre si. A colaboração é o que realmente permite que a proposta educativa inaciana possa chegar a tantos lugares e a tantas pessoas. É muita gente a que coopera, que está aí, ombro a ombro, empenhando-se cada um e cada uma – à sua medida, desde essa realidade

e identidade – para que o trabalho educativo siga em frente, cresça em amplitude, melhore em qualidade e produza frutos ainda mais abundantes, saborosos e maduros.

Sem a colaboração, seríamos um punhado, uns poucos, lutando cada um por sua conta própria, a partir de suas próprias limitações. Em colaboração, a nossa força cresce, multiplica-se, o nosso horizonte se amplia, a nossa esperança se fortalece. No entanto, não podemos simplesmente reconhecer com gratidão o fato de que a colaboração já seja uma realidade entre nós. Outra pequena palavra que soa aos ouvidos inacianos é o *magis*, que nos convida a buscar mais e melhor. Somos gratos pelo que já temos alcançado, mas toca-nos não só mantê-lo e reconhecê-lo, mas ver onde, como, com quem poderíamos dar passos mais decididos, mais criativos - atrevo-me a dizer mais ousados - para crescer na colaboração e assim ter ainda melhores resultados. A espiritualidade inaciana é uma espiritualidade da inconformidade como a do Evangelho: nunca ficamos satisfeitos com o que se alcançou; agradecemos-lo como dom, mas perguntamo-nos a nós mesmos. 'Temos chegado até aqui, mas o que mais podemos fazer, como podemos melhorar'?

Finalmente, como afirma a própria Congregação Geral, a colaboração leva naturalmente ao trabalho em rede. O trabalho na educação já deu passos importantes nesse sentido. Temos a gigantesca rede de *Fé e Alegria*, a Federação Internacional, que já conseguiu cruzar o Atlântico. Não só se estendeu por toda a América Latina. Também nos Estados Unidos, há algumas experiências de *Fé e Alegria* e outras similares. Agora *Fé e Alegria* pôs também suas raízes na África e continuou a se expandir, e inclusive pôs algumas pequenas sementes na Ásia. No âmbito dos colégios, temos a *Federação Latino-Americana de Colégios da Companhia de Jesus* (FLACSI), mas isso também vai acontecendo na educação superior. Pouco antes de vir para a Bolívia, participei de uma reunião em Bilbao (Espanha), onde os representantes de mais de 200 universidades confiadas à Companhia de Jesus estiveram reunidos para formar a *Rede Mundial de Universidades Jesuítas* (IAJU). Temos crescido, temos feito algo e muito mais se pode fazer.

Em outubro do ano passado (2017) estive presente no *Congresso Internacional de Delegados de Educação da Companhia de Jesus* no Rio de Janeiro (Brasil). Foi o primeiro congresso em que se consegue reunir todas as Províncias da Companhia de Jesus e todas as redes educativas vinculadas à Companhia. Foi um momento riquíssimo de encontro, de tomar consciência de tudo o que significa a contribuição do apostolado educativo da Companhia no mundo inteiro. Ver os rostos na diversidade foi realmente uma grande alegria. O mais importante deste encontro é que se formularam alguns acordos finais para serem realizados em todas as Províncias e redes educativas da Companhia. Trata-se de treze ações propostas a todos os delegados de educação da Companhia em todo o mundo, que foram assumidas como propostas para todos com o respaldo de toda a Companhia.

Temos, então, treze propostas concretas para realizá-las em cinco anos, das quais já passaram seis meses, de modo que é preciso apressar-se. Vou me referir unicamente aos quatro grandes capítulos em que estão agrupadas as treze propostas. Se tivermos a sorte de realizar essas treze propostas em cinco anos, teremos dado um passo gigantesco como proposta educativa da Companhia de Jesus para o mundo atual.

Um primeiro bloco dessas propostas refere-se à experiência de Deus, ou seja, como em nossos colégios nos propomos - nestes cinco anos - criar as possibilidades, o ambiente para que alunos, professores, trabalhadores de nossos centros educativos possam ter uma experiência fundamental de Deus.

O segundo é o bloco intitulado 'Tradição e Inovação', ou seja, onde iniciei esta conversa. Como unimos a tradição do que vivemos - que é muito bonita e importante - com a criatividade que nos permita não só responder ao presente, mas estar um passo à frente, olhar para o futuro. Eu disse também, há pouco, que nem nós – os que já pintamos os cabelos grisalhos ou os que têm pouco cabelo - mas nem os professores mais jovens, nem mesmo os alunos da pré-escola podem imaginar hoje como será sua vida daqui a 30 anos, para que possam viver dentro de 30, 40 ou 50 anos. Esse é o grande desafio: como dar hoje uma educação que permita responder a uma vida que não sabemos qual é. E isso não é algo que nos separa da tradição. Com muita frequência, quando penso sobre este ponto, lembro-me do livro de Gênesis, da figura de quem reconhecemos como pai de nossa fé, Abraão. Se vocês se recordam um pouco dessa passagem, Abraão era um senhor de cabelos grisalhos, acomodado, tinha como manter a sua família em boas condições e Javé lhe diz: *Deixa tudo isso e põe-te a caminho* (Gen 12,1)! E Abraão o fez. Deixa tudo o que havia conseguido para ter uma vida estável e se põe a caminho. Então ele pergunta *para onde eu vou?* E Javé diz: *Põe-te a caminho que eu te direi*. E assim foi uma vida onde o *eu já te direi* foi aparecendo, e essa é a vida agora de qualquer processo educativo. Pomo-nos a caminho para onde não sabemos, mas como estamos motivados, movidos pela esperança, o Senhor nos dirá como quer e quando quer. Ele nos dirá, se tivermos ouvidos, mas não podemos deixar de caminhar. Pode ser que cheguemos a um pedaço da estrada de que gostamos, um mirante com uma esplêndida vista das montanhas, e queremos ficar lá. Se fizermos isso, já estragamos tudo. O desafio é permanecer no caminho certo.

O terceiro grupo de compromissos refere-se ao cuidado de nossa casa comum: *Reconciliação com Deus, a humanidade e a criação*. Creio que uma das matérias pendentes da educação da Companhia de Jesus é precisamente a relação com o meio ambiente. Nós, os jesuítas e as instituições da Companhia de Jesus, temos escrito possivelmente mais de uma biblioteca de livros, artigos, etc., sobre ecologia e comentários à *Laudato Si*. Temos feito e ministrado cursos o tempo todo, mas nossas instituições, nossas vidas, seguem os mesmos esquemas de comportamento que contribuem para a deterioração do meio ambiente, com significativas exceções. Ainda não encontramos um modelo educativo e de vida em equilíbrio saudável com o ambiente. A reconciliação com o meio ambiente é uma tarefa importantíssima, prioritária, que não sabemos exatamente como fazê-la. Mas cada dia que passa, põe mais em risco a vida do Planeta, e o futuro fica em risco diariamente. Aí temos uma tarefa desafiadora e apaixonante. A reconciliação entre nós também é importante. Vivemos em sociedades feridas, sociedades cheias de violência, cheias de injustiça, nas quais tratamos de incidir para conseguir a reconciliação entre pessoas e povos. Esse é o caminho que nos leva à reconciliação também com Deus.

E o último capítulo - o quarto desse bloco de treze propostas - intitula-se 'Enviados a uma Rede Global', ou seja, é o impulso para enredar-nos ainda mais, para tirarmos, realmente, todas

as vantagens possíveis do fato de ser uma instituição que se conecta com todo o mundo, que conta com muitas experiências para compartilhar e oferecer. Faz alguns meses visitei uma ilha da Ásia Meridional que se chama Sri Lanka, que, como sabem, sofreu por mais de 30 anos uma guerra civil devido a razões étnicas, na qual morreram milhões de pessoas. Encontrei-me lá com duas realidades educativas que me atingiram muito. Uma, 120 escolas na rede ao norte da ilha - que foi a parte que mais sofreu. Era uma rede de escolas primárias, iniciativa das viúvas das vítimas da guerra. Isto é, mulheres viúvas que disseram 'o que vamos dar aos nossos filhos se não temos os pais? Bem, temos a educação'. E elas se organizaram e, com o apoio da Igreja, dos jesuítas, já têm uma rede de 120 escolas. Mas também existe uma rede para a educação universitária à distância. Participei de um dos primeiros eventos de graduação no qual os estudantes receberam diplomas universitários, alguns endossados por universidades norte-americanas, outros por universidades europeias; mas receberam seu diploma universitário no Sri Lanka graças à rede. São dois exemplos que parecem pequenos, mas são de um imenso significado. O sorriso de um rapaz ou de uma moça recebendo seu diploma universitário graças ao trabalho em rede vale todo o esforço que estamos fazendo.

Concluo estas palavras fazendo o que faziam os professores comigo no colégio: 'tarefa para casa'. Eles não nos deixavam em paz... e quando chegávamos em casa, meu pai ou minha mãe perguntava: 'Que tarefa você tem para hoje? Você já fez isso'? Aqui vai a tarefa: estudar as treze proposições para os próximos cinco anos; conhecê-las e desenvolver o programa para colocá-las em prática, pois cada instituição pode realizá-las. Provavelmente, algumas instituições estão vivendo algumas delas, mas podem melhorar e aprender dos outros. Por isso, aqui lhes deixo essa tarefa e termino com a palavra que resume tantas coisas: Obrigado, obrigado por tanta generosidade, afeto, fé e esperança!

Arturo Sosa, S.J.

Perguntas e conversatório

1. *Como fazer um trabalho em rede com outras obras da Companhia de Jesus no mundo?*
2. *Como se articulam os treze desafios da pedagogia inaciana com os objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas?*
3. *De que maneira nos adaptamos para ser inclusivos com as novas gerações que apresentam uma certa deficiência que não requer educação especial, mas mais atenção?*

P. Geral:

Começo com a última pergunta, que é muito importante. Um dos desafios é como manter essa porta aberta, como manter em nossas instituições as portas abertas a todos, porque a dinâmica pode nos levar a outra direção. Ou seja, as escolas que nascem para pobres acabam sendo escolas para pessoas de classe média. Escolas que nascem para que todo o mundo possa entrar, acabam sendo escolas apenas para os que têm algumas capacidades e podem superar as dificuldades. Aí há um desafio para o qual não há nenhuma receita, porque creio que cada caso é diferente. Creio que há um primeiro desafio na administração de recursos, porque, obviamente, manter as portas abertas é caro, porque é levar muito a sério o que mencionei anteriormente como uma característica da pedagogia inaciana: a atenção aos casos, a cada pessoa. Trata-se de reconhecer quais são as possibilidades e as potencialidades de cada um. E isso requer pessoas que atendam, espaços, e aí os recursos nem sempre bastam. Portanto – repito - não há receitas, mas não podemos desistir. Esse é um desafio em todos os níveis, da pré-escola à universidade. Ou seja, como vamos incluir pessoas que têm tantas diferenças. Obrigado por colocar essa questão na mesa porque me parece muito importante.

A articulação com os *Objetivos do Milênio* das Nações Unidas nem sempre é explicitada, mas existe. Nem sempre há uma articulação explícita, em alguns casos sim, mas eles certamente são convergentes, porque nós, a partir da perspectiva dos pobres - como disse antes - pretendemos acabar com a pobreza, e os *Objetivos do Milênio* são fundamentalmente isso. Os *Objetivos de Milênio* visam alcançar uma vida digna para todos, o que é um desafio muito grande, ou seja, como nossas instituições educativas geram pessoas comprometidas com a transformação social. Nas universidades da Companhia, tornou-se bastante comum a linguagem de que a universidade é um projeto de transformação social, porque queremos que nossos formandos de qualquer nível educativo não sejam reconhecidos porque são muito bons em matemática ou muito bons pesquisadores ou porque sabem ler em quatro idiomas, mas por sua qualidade humana, em primeiro lugar, por seu compromisso cívico e porque eles são capazes de colocar o que sabem e o que são a serviço dessa vida digna para todos os seres humanos.

Quando a Congregação Geral diz que a colaboração deve levar ao crescimento das redes, é precisamente porque é a maneira de multiplicar-se. Então, quando nos pomos a examinar, descobrimos que ainda podemos melhorar muito as redes que existem. Há a de *Fé e Alegria*, no

entanto, *Fé e Alegria* pode crescer mais para dentro, pode crescer bastante como rede. A questão é como enredar-se ainda mais, como colaborar melhor dentro das próprias redes. Isso eu também posso dizer de FLACSI, posso dizer das universidades, etc. Elas têm que melhorar internamente para poder se relacionar com outras redes. Existe aí também um campo enorme. Um requisito para fazer isso é que incorporem de tal maneira a colaboração em nosso modo de fazer as coisas, que dediquemos realmente tempo, pessoas, energia e recursos às redes. Às vezes, temos um certo pensamento ingênuo, no sentido de dizer que as redes são uma questão de meio período ou de tempo livre, mas não é assim. Se queremos realmente ser eficientes, precisamos dedicar pessoas treinadas e tempo suficiente. Este é um exame que toda instituição deve fazer: se estamos dedicando os recursos e as pessoas necessárias para o trabalho em rede e para que este produza os frutos do trabalho que deve ser feito.

Esse caminho deveria levar-nos a melhorar as relações entre as instituições que têm alguma vinculação com a Companhia de Jesus, mas o sonho vai ainda mais longe. Há tantas pessoas que coincidem com os objetivos da Companhia de Jesus. Por que não colaborar também com outros? Como enriquecer-nos com o que os outros fazem e como os enriquecemos? As possibilidades das redes abrem novos horizontes a essa possível colaboração.

4. *O papel da Companhia de Jesus na inovação científica? Participação da mulher?*
5. *Qual é a possibilidade de a América Latina adaptar as estratégias de educação de outras experiências como a de Barcelona?*
6. *Depois desses dias que aconteceu na Bolívia, o que o senhor leva?*

P. Geral:

O tema da ciência é uma questão que me preocupa pessoalmente, e tratei de falar a respeito com os jesuítas jovens e os responsáveis pela formação dos jesuítas, para não descuidar da formação científica dos que têm essa vocação e essas possibilidades, e há alguns. No passado, era um contexto diferente. Coube-me, pelas responsabilidades antes de ser eleito Geral, ter contato permanente com o observatório astronômico que a Companhia de Jesus tem no Vaticano, onde há um grupo de 15 jesuítas cientistas jovens. Há mais alguns veteranos, mas a maioria é gente jovem, inclusive de diversos continentes. Há um africano do Congo ao qual perguntei um dia: 'Como você acabou se tornando astrônomo'? Ele disse, 'porque quando eu estava estudando filosofia na formação da Companhia, falei ao Provincial do meu gosto pela física, e ele me perguntou 'por que você não estuda astronomia, porque há um observatório astronômico da Companhia'? - e o estudante disse - 'por que não'? E agora ele é um dos astrônomos. Eu conto isso muitas vezes aos provinciais, porque muito depende do 'olfato', pois não se forma um cientista em seis meses, é um processo muito longo. Mas, é preciso descobrir essas capacidades e é preciso fomentá-las. Costumo dizer também que a vocação dos jesuítas não é ser capelão das universidades ou capelães dos colégios. A vocação dos jesuítas, a partir da tradição, é estar em sala de aula, estar no laboratório, criando conhecimento, pesquisando e

construindo junto com os outros. Essa vocação nós temos que manter em todas as áreas. A vocação científica é importante e acredito que deve ser fomentada.

Sobre o tema da mulher, não sei se estou totalmente de acordo com o seu diagnóstico. Se vejo o trabalho educativo da Companhia de Jesus hoje, o que chamamos de 'o corpo apostólico' está formado em grande parte por mulheres, e ainda mais se faço uma lista de quantas mulheres ocupam cargos de responsabilidade nas redes educativas da Companhia. Elas estão, praticamente, em todos os níveis, e isso vai crescer, porque é realmente uma contribuição - como você definiu - carismática, e realmente importante. Acredito que ainda temos um longo caminho a percorrer neste campo, para oferecer de verdade para a mulher espaços sociais, na Igreja, na Companhia, para que sua contribuição seja ainda mais importante. Mas isso já está em andamento e é um processo que considero que não vai parar.

A experiência de Barcelona e outras que há no mundo, é claro que se pode aproveitar. A isso me refiro quando falo de trabalho em rede: aproveitar todas essas coisas geradas em outros lugares para poder realizá-las. Não se trata de que os outros façam o que nós temos que fazer. Como você disse, vamos nos inspirar, vamos adaptar, buscar, compartilhar. A rede é para compartilhar o que fazemos, para partilhar modelos, para partilhar materiais, as experiências, e para multiplicar. Assim, evita-se repetir os trabalhos, para não voltar a descobrir a roda. Se já a descobriram, vamos aprender a usá-la. Então, nesse ponto as possibilidades são todas as que vocês quiserem, mas ninguém pode fazê-lo, se não for feito por quem está no campo.

O que levo da Bolívia? Bem, levo o carinho que está representado nas pessoas que me receberam com tanta abertura. Levo a experiência de conhecer lugares e pessoas de uma enorme riqueza que eu não conhecia. Uma coisa é ler sobre a multiplicidade étnica da Bolívia, e outra coisa é vê-la, outra coisa é intercambiar, mesmo que por pouco tempo. Essa é a principal riqueza da experiência de encontrar pessoas 'in loco'.

Uma das tarefas mais difíceis para um Superior Geral da Companhia de Jesus é precisamente isso: conhecer a Companhia. Porque, embora faz 52 anos que entrei no noviciado da Companhia de Jesus, passei 48 na Venezuela. Conheço, portanto, muito bem a Venezuela, embora nos quatro anos em que não tenho estado lá, as coisas mudaram muito. Portanto, para mim esse esforço é saboroso, exigente, porque a Companhia de Jesus está em mais de 120 países, são 80 províncias. Mas o que realmente levo daqui - como levei quando visitei Sri Lanka - é isso, realmente, os rostos das pessoas, as experiências.

Todos os anos tenho que receber relatórios. Isso faz parte da Companhia como corpo, uma quantidade de informação e comunicação. Mas não é o mesmo quando você lê uma carta ou lê um relatório e pode identificar por detrás o lugar ou algum rosto, que quando você tem simplesmente o relatório. Essa conexão humana eu acredito que não se perde, isso é uma imensa riqueza que agradeço de coração.

7. Sobre a expressão 'no tempo de Jesus não havia gravadores' que conotação sobre a tradição dos textos e a atitude menos apegada aos textos?

8. Qual seria a contribuição da juventude para a educação e qual é a sua mensagem para ela?

P. Geral:

Nunca imaginei que a imagem do gravador se tornasse tão popular. Mas valeria a pena colocar essa expressão no contexto. Um jornalista citou um cardeal que na época era chefe da Congregação para a Doutrina da Fé e que havia afirmado que ninguém poderia mudar as palavras de Jesus. Bem, eu disse. 'Concordo completamente, ninguém pode mudar as palavras de Jesus, mas conhecer a palavra de Jesus não é tão fácil, porque não havia um gravador as registrasse'. Ou seja, as palavras exatas de Jesus, nós não as recebemos diretamente, nós as recebemos muito mais tarde, através da tradição oral e dos textos do Novo Testamento.

A primeira coisa que aprendi na Universidade Gregoriana em meus estudos de Teologia foi isso: ninguém tem o texto de Jesus. Jesus não escreveu, e depois não havia jornais, isto é, é uma verdadeira tradição. Os primeiros textos escritos foram as cartas de São Paulo e, muito mais tarde, os Evangelhos. Passaram-se mais de 50 anos entre as palavras de Jesus e os primeiros escritos. É claro que nós reconhecemos que os evangelhos são as palavras de Jesus. O tema - e aí se mescla a exegese com minha formação em história das ideias políticas - é o tema dos textos e contextos, ou seja, nenhum texto em si mesmo encontra sentido, os textos são sempre um diálogo. Jesus falou para algumas pessoas. Quando alguém escreve, escreve para alguém e escreve num momento preciso que é preciso conhecer. Então, o que a exegese permite é saber exatamente o que Jesus disse e o contexto em que ele o fez.

A questão é que conhecer a verdadeira tradição textual requer um esforço intelectual muito forte. Entender um texto e seu contexto e ver como isso nos chega. Para isso temos que fazer um trabalho intelectual sistemático de modo a chegar a conhecer o que Jesus disse. Então, não estamos apegados ao texto. O sagrado não é o texto. O sagrado é a palavra de Deus e nós acedemos a ela através do discernimento. Isso supõe, no caso de textos bíblicos, uma atitude tanto espiritual como intelectual. Se alguém literalmente se agarra a alguns textos da Bíblia, pode encontrar barbaridades, mas é preciso compreendê-los. Por isso, parece-me que o Papa Francisco insiste tanto, é claro, no conhecimento da palavra de Deus, mas também no discernimento. A palavra sem discernimento não é possível, e o discernimento não é possível sem experiência espiritual. E a compreensão da palavra não é possível sem formação intelectual. Isso é parte do que temos a oferecer em nossa experiência educativa, todo esse complexo.

Sobre a juventude, a sua grande contribuição são a novidade e a criatividade. São os jovens os que estão nos obrigando, continuamente, a repensar as coisas, e isso é uma grande riqueza. Acredito que uma das grandes satisfações de qualquer pessoa que dedica a vida à educação é estar sempre em contato com o mundo jovem. Isso a mantém viva, alerta. Tem possibilidades de viver criativamente.

Dou esta mensagem para a juventude, para que se lembre que ela passa: ninguém é jovem eternamente, ou seja, é uma etapa. A juventude é um período da vida muito bonito. Um período de vida em que se tomam decisões que vão marcar o futuro de cada pessoa, e que cada pessoa pode contribuir para a sociedade. Então, aproveite essa etapa, que não volta! E o que não

se fez, não se fez. Não se pode voltar atrás. Não há nada mais feio do que um velho querer ser jovem. Então, a minha mensagem para os jovens é: sejam jovens e aproveitem essa etapa com tudo o que vocês têm, e esperemos que nos ajudem a ser mais criativos para os que não são tão jovens.

Obrigado!

Arturo Sosa, S.I.

Tradução do espanhol: P. Luiz Fernando Klein